

O VERBO E A ESTRUTURA DO DISCURSO

João de ALMEIDA*

RESUMO: O artigo procura analisar a estrutura do verbo português, com base na crônica "Caso de Canário", de Carlos Drummond de Andrade, tentando pôr em evidência a importância do contexto para a precisão dos valores dessa classe gramatical, dadas as amplas relações que ela estabelece no discurso.

UNITERMOS: Análise de texto; relações do verbo; tempo; aspecto e modo verbal; estrutura do pretérito.

A afirmação saussureana de que na língua tudo é relação encontra no papel do verbo o seu melhor exemplo. Dentro da frase, o verbo no geral se relaciona com o sujeito, concordando com ele em número e pessoa, e se relaciona com o objeto, que complementa o seu semantismo inacabado e com o qual, às vezes, chega a formar uma lexia consagrada** (9, p. 26-7). E em casos menos frequentes tem relação com o adjunto adverbial, que pode precisar-lhe melhor o sentido aspectual, temporal ou modal, assim como com outro verbo que seja núcleo de uma oração dependente. Se são menos comuns também as suas relações de concordância com o predicativo, não se apresentam como raras, na estrutura da língua portuguesa, as aglutinações em perífrases verbais, onde dois ou mais verbos se relacionam para expressar, em conjunto, diversas categorias gramaticais.

Em discurso mais amplo do que a frase, as teias verbais se estendem mais longamente e chegam a interligar períodos um pouco distantes entre si; põem então em evidência que, em razão do forte vínculo do verbo na estrutura lingüística, pouco produtivo será o estudo de sua for-

ma, sem se atentar para os valores semânticos que ele extrai do contexto, mais ou menos longo.

Procuraremos explicitar melhor o que queremos dizer, numa tentativa de análise do papel do verbo na crônica "Caso de canário", de Carlos Drummond de Andrade, a seguir transcrita:

- "1. Casara-se havia duas semanas. E por isso, em casa dos sogros, a família resolveu que ele é que daria cabo do canário:
— Você compreende. Nenhum de nós teria coragem de sacrificar o pobrezinho, que nos deu tanta alegria. Todos somos muito ligados a ele, seria uma barbaridade. Você é diferente, ainda não teve tempo de afeiçoar-se ao bichinho. Vai ver que nem reparou nele, durante o noivado.
5. — Mas eu também tenho coração, ora essa. Como é que vou matar um pássaro só porque o conheço há menos tempo do que vocês?
— Porque não tem cura, o médico já disse. Pensa que não tentamos tudo? É para ele não sofrer
10. — Mas eu também tenho coração, ora essa. Como é que vou matar um pássaro só porque o conheço há menos tempo do que vocês?
— Porque não tem cura, o médico já disse. Pensa que não tentamos tudo? É para ele não sofrer
15. mais e não aumentar o nosso sofrimento. Seja bom; vá.
O sogro, a sogra apelaram no mesmo tom. Os olhos claros de sua mulher pediram-lhe com doçura:
20. — Vai, meu bem.
Com repugnância pela obra de misericórdia que ia praticar, ele aproximou-se da gaiola. O canário nem sequer abriu o olho. Jazia a um canto, arrepiado, morto-vivo. É, esse está mesmo na

* Departamento de Lingüística — Instituto de Letras, História e Psicologia — UNESP — 19.800 — Assis — SP.

** Por exemplo: *cruzar os braços* no sentido de "parar de trabalhar".

25. última lona, e dói ver a lenta agonia de um ser tão gracioso, que viveu para cantar.
— Primeiro me tragam um vidro de éter e algodão. Assim ele não sentirá o horror da coisa.
Embebeu de éter a bolinha de algodão, tirou o canário para fora com infinita delicadeza, aconchegou-o na palma da mão esquerda e, olhando para outro lado, aplicou-lhe a bolinha no bico. Sempre sem olhar para a vítima, deu-lhe uma torcida rápida e leve, com dois dedos, no pescoço.
E saiu para a rua, pequenino por dentro, angustiado, achando a condição humana uma droga. As pessoas da casa não quiseram aproximar-se do cadáver. Coube à cozinheira recolher a gaiola, para que sua vista não despertasse saudade e remorso em ninguém. Não havendo jardim para sepultar o corpo, depositou-o na lata de lixo. Chegou a hora de jantar, mas quem é que tinha fome naquela casa enlutada? O sacrificador, esse, ficara rodando por aí, e seu desejo seria não voltar para casa nem para dentro de si mesmo.
40. No dia seguinte, pela manhã, a cozinheira foi ajeitar a lata de lixo para o caminhão, e recebeu uma bicada voraz no dedo.
45. — Ui!
Não é que o canário tinha ressuscitado, perdão, reluzia vivinho da silva, com uma fome danada?
— Ele estava precisando mesmo era de éter — concluiu o estrangulador, que se sentiu ressuscitar, por sua vez.”
(In *Cadeira de Balanço*. 2.^a ed., Rio de Janeiro, Livr. J. Olympio Ed., 1968)

Em face desse texto, redundante seria falar de concordância do verbo com o sujeito, em número e pessoa, como característica básica da estrutura do português. Basta ligeira leitura do texto para se confirmar o fato, que encontra exceção apenas na frase da linha 6 (Todos somos muito ligados a ele...), em que a figura da sílepse de pessoa se explica estilisticamente pelo propósito de pretender a primeira pessoa do plural incluir-se na totalidade mencionada.

Já a relação do verbo com o nome que o segue merece de início uma observação especial. Se se aceita que, no geral, ocorre integração semântica entre o segundo elemento e o verbo, mesmo em graus diferentes, o objeto deve ser destacado em análise sintática sempre como um elemento complementador e não como um termo isolado. Melhor então, parece-nos, será visualizar a estrutura da

frase, numa representação em diagramas, por SN mais SV (sintagma nominal mais sintagma verbal), a exemplo do que faz Dubois-Charlier (4), ao invés de SN mais verbo mais SN, ou outros desmembramentos, como apresentam Genouvrier-Peytard (5, p. 211-2) ou Luft (8), e deixar para a camada seguinte dos constituintes a divisão da unidade do SV (verbo mais SN, etc.). Nessa ordem de idéias, casos como os da linha 7 do texto (Você é diferente...), da linha 10 (Mas eu também tenho coração, ora essa), e da linha 27 (Primeiro me tragam um vidro de éter...), seriam vistos inicialmente, quanto ao predicado, pela unidade que têm, como SV, aglutinados ao verbo os demais termos que no geral o seguem, para depois se diversificarem na análise dos seus constituintes. Aí é que então surgiria a variedade das relações dos nomes “diferente, coração, um vidro” perante os verbos que os antecedem, minimizando-se o mais possível qualquer preocupação com nomenclaturas esdrúxulas. Salta à vista de qualquer conhecimento elementar dos fatos gramaticais que, no primeiro exemplo, o tradicionalmente chamado predicado nominal, o nome assume um peso semântico predominante, de maneira diversa do terceiro exemplo, chamado tradicionalmente de predicado verbal, em que o semantismo se fixa no verbo (tragam) com a complementação do objeto. Mais complexa, no entanto, se apresenta a relação do segundo exemplo (tenho coração), que conduziu o sintagma verbal a uma lexia consagrada, com um sentido metafórico (“também sou humano”). É uma das razões por que parte da análise moderna procura aproximar da construção com *verbo copulativo mais adjetivo* a estrutura com o verbo *ter* (5, p. 255), cujo complemento a análise tradicional tem considerado como objeto direto, ainda que não seja possível a conversão para a voz passiva (7).

O que, no entanto, parece-nos mais importante para evidenciar o papel do

verbo, no texto em causa, é procurar focalizar as relações mais amplas do sintagma verbal dentro desse discurso. A linha da narrativa, fora naturalmente das partes dialogadas, se vê marcada pelo verbo no pretérito perfeito (resolveu — L.2, apelaram — L.17, pediram — L.18, aproximou-se — L.22, abriu — L.23, embebeu — L.29, tirou — L.29, aconchegou L.31, aplicou — L.32, deu — L.33, saiu — L.36, quiseram — L.38, coube — L.39, depositou — L.42, chegou — L.43, recebeu — L.48, concluiu — L.54, sentiu — L.54), a indicar a ação terminada, passada, anterior ao momento da fala do próprio narrador, ponto de referência como presente. É certo que em todas essas ações terminadas, se se detalhar a análise, há de se verificar diferença nas relações entre lexemas e morfemas, a precisar diversidades aspectuais. Por exemplo, considerando os perfectivos *chegou* e *embebeu*, observa-se respectivamente um caráter pontual e um caráter terminativo, em face da duração que existe no lexema do segundo e que não ocorre no do primeiro (1, p. 88 e sgts.). O que nos preocupa neste instante, porém, não é a profundidade de uma análise desse tipo, mas as relações habituais, ou melhor, as perceptíveis com freqüência e que podem demonstrar, no geral, suficiente conhecimento do uso do verbo.

Então, voltando a uma visão mais ampla do texto, temos de notar que aquelas formas pretéritas são, por sua vez, outros pontos de referência no domínio verbal. O primeiro parágrafo é bastante significativo porque já envolve, em torno de *resolveu* toda a estrutura das formas do pretérito em língua portuguesa, graficamente assim configurada:

$$\begin{array}{c} \text{havia} \\ \text{casara-se} \text{ — } \text{resolveu} \text{ — } \text{daria cabo} \\ \text{○} \text{ — } \text{→} \end{array}$$

Num enfoque temporal, isto é, observando-se o momento de cada uma

dessas ações, é fácil perceber, em relação a *resolver*, a anterioridade de *casar* e a posterioridade de *dar cabo*, em determinações gramaticais que justamente cabem aos morfemas verbais do mais-que-perfeito e do futuro do pretérito, respectivamente. Completando o quadro das formas pretéritas, temos o imperfeito *havia*, que se relaciona a *casara* e, por extensão, a *resolveu*, mais para precisar um valor aspectual de duração. As oposições temporais e aspectuais das formas do pretérito aí pois aparecem (2, p. 89-90), envolvendo inclusive aquela que se projeta para o futuro em relação à ação passada de *resolver*. A ação de *dar cabo* se manifesta, então, na forma do futuro do pretérito em seu valor verdadeiramente temporal: posterior a *resolver* e a anterior ao momento da narrativa. Já diferentes se apresentam outras formas em *-ria*, como “*teria* coragem” — L.4, “*seria* uma barbaridade” — L.6, “*seu* desejo *seria* não voltar para casa” — L.45, em que um valor modal, de hipótese ou de dúvida, domina o sintagma verbal.

As mesmas oposições das formas do pretérito (com exceção do futuro) aparecem entre as linhas 43 e 45, com os sintagmas verbais *chegou*, *ficara rodando* e *tinha* fome, e entre as linhas 42 e 52, com os sintagmas *recebeu*, *tinha ressuscitado*, e *reluzia*. Os pontos de referência estão nas formas do pretérito *chegou* e *recebeu*, em relação às quais se configuram, como oposição temporal, a anterioridade respectivamente de *rodar* e *ressuscitar*. Já nas relações de *ter fome* com *chegar* e *reluzir* com *receber* está em jogo, pelos morfemas, a oposição aspectual de duração/não-duração (ou não-concluso/concluso).*

De toda essa consideração sobre o pretérito afasta-se, evidentemente, a forma *viveu* da linha 26. É que estamos diante de um emprego estilístico do pretérito perfeito, já que o contexto indica que o

* A alternativa da oposição é questão de ponto de vista, se se toma a marca como duração ou como término. (Cf. 1 e 3).

pássaro continua vivo. O sintagma *viveu* assume os semas que provêm de *jazia*, *morto-vivo*, *na última lona e lenta agonia*, antecipando no espírito do narrador (com projeção para o do leitor) o término da frágil existência da ave. Representa assim a construção em causa um verdadeiro pretérito-presente, uma vez que, em relação ao instante da narrativa, configura uma ação concomitante, ou melhor, de um sujeito que “ainda vive para cantar”.

Idêntica à oposição aspectual das formas do pretérito se manifesta a relação das formas nominais do gerúndio e do participio. A oposição não-duração/duração (ou conclusivo/não-conclusivo) ressurgiu então nas linhas 36/37, com as formas *angustiado/achando*, tal como ocorrera antes entre perfeito e imperfeito. Já as formas de infinitivo, isoladas, tais como *sofrer* (L.14), *aumentar* (L.15) e *recolher* (L.39), são neutras, quanto àquela oposição aspectual, mais servindo a uma visão geral e prospectiva. A sua junção com uma forma finita pode constituir uma construção perifrástica, em que ambos os verbos servem em conjunto a determinados valores, modais, aspectuais ou temporais (1).

Do texto em questão — agora também envolvendo a parte dialogada — vale destacar as seqüências das formas finitas do verbo *ir* com o infinitivo: *vai ver* (L.8), *vou matar* (L.10/11), *ia praticar* (L.22) e *foi ajeitar* (L.47). Confrontando as duas primeiras, verificamos que, se em *vou matar* a perífrase contribui para marcar o tempo futuro da ação de *matar*, o faz com outra noção temporal, de proximidade, e com a nuance modal da certeza do personagem que fala, idéias que não se perceberiam com a forma simples do futuro do verbo principal, mais eventual, mais imprecisa. Há que distinguir, pois, o valor temporal e o valor modal dentro da mesma construção. Já em “*vai ver* que nem reparou nele”, a construção perifrástica se gramaticalizou mais, a ponto de ambas as formas verbais terem contribuído para

uma terceira idéia, a da probabilidade, levando o todo verbal ao valor adverbial de uma expressão de dúvida. Esta implicação modal resulta, portanto, da fusão das duas formas, naturalmente no contexto em que se situam. Diferente será o significado do mesmo sintagma verbal neste outro contexto: “Se hoje for ao cinema, você *vai ver* um filme de mistério”, em que a perífrase passa a ter os valores acima apontados para *vou matar* do texto em análise, emprego aliás mais comum da estrutura em discussão.

Por outro lado, a mesma perífrase, flexionada, a forma finita para o imperfeito, traduz valores diversos. Em *ia praticar* (L.22) a prospecção da forma infinitiva, situando-se o todo perifrástico no passado, coloca em destaque o valor iminente da ação, que estaria menos nítido com a forma *praticaria*. Há casos em que o contexto praticamente anula o valor do futuro, porque a ação não chega a ser cumprida e acaba por ficar apenas o valor da iminência, pertencente também à categoria temporal. É o que ocorre no exemplo: “Ele *ia matar* o pássaro, mas a ave fugiu-lhe das mãos.”

No último sintagma com o verbo *ir* e infinitivo (*foi ajeitar* — L.47) surpreende-se o caráter inceptivo da construção perifrástica. A ação de *ajeitar a lata do lixo* ficou no seu princípio — denotado a partir da junção do verbo *ir*, no perfeito, com o infinitivo — porque a interrompeu a bicada do pássaro. Curioso observar, ainda, que a sua estrutura frásica se conduz, em período coordenado, como se fosse subordinada temporal da oração seguinte.

Com a composição do gerúndio, o texto apresenta dois tipos diferentes de construção verbal: *estava precisando* (L.53), e *ficara rodando* (L.15), em cuja oposição podemos agora deixar de lado os morfemas de imperfeito e mais-que-perfeito do auxiliar, já tratados antes, para observar simplesmente a integração da primeira com a segunda forma dentro de cada sintagma. Servindo ao caráter cursi-

vo, ambas as perífrases o fazem de forma diversa, ou melhor, enquanto a construção com *estar* denota totalmente a idéia durativa, constituindo-se aliás como perífrase típica para esse valor aspectual, a construção com *ficar*, além da expressão da duração, coloca no espírito do leitor a referência a uma situação anterior. Ou dito de outra forma, traduz em geral o efeito de uma causa que representa o seu princípio, no caso do texto a atitude que o “sacrificador” tivera em relação ao pássaro. Isso é suficiente para revelar que uma perífrase com *estar mais gerúndio* é uma estrutura não-marcada em relação a de *ficar mais gerúndio*, que tem a marca que apontamos. O mesmo acontece na relação da primeira com outras perífrases cursivas de gerúndio, com os auxiliares *andar*, *continuar*, *vir* etc. (COSERIU, E. — apud 1, p. 85), sendo mais fácil a de *estar* substituir a qualquer uma das demais do que o fato recíproco.

Ainda pensando em construção perifrástica, pode-se destacar da linha 38 do texto a frase “As pessoas da casa *não quiseram aproximar-se* do cadáver”, menos para evidenciar o valor modal da volição do conjunto *querer mais infinitivo*, mais para chamar a atenção para a incidência da partícula de negação. Se se interpreta, como parece razoável, que as pessoas “tiveram o desejo de não se aproximar do cadáver”, então estamos diante da volição (querer) da expressão negativa (não se aproximar) e não da negação da volição, a incidência do *não* ocorrendo sobre o segundo verbo. O mesmo não se poderia interpretar em “Pedro *não quer convencê-lo* agora sobre o contrato, pretende apenas cumprimentá-lo”, em que a incidência da negativa parece mais sobre o auxiliar, configurando-se então a negação da volição. Essas especulações, todavia, em língua portuguesa, ficam apenas a nível de interpretação semântica, uma vez que a estrutura sintática para ambos os casos é a mesma: negação mais querer e infinitivo.

Continuando na parte dialogada do texto, cabe observar as variações do emprego da forma do presente do indicativo. Nas linhas 6 (Todos *somos* muito ligados a ele) e 24 (esse *está* mesmo na última lona...) as formas de presente traduzem de fato a noção presente, ou seja, aquilo que realmente está acontecendo no momento da fala do interlocutor. Outra situação é a das formas presentes das linhas 4 (Você *compreende*) e 20 (*Vai*, meu bem). No primeiro caso o marido ainda não compreendeu o que a família resolvera, tanto assim que protesta entre as linhas 10 e 12, e no segundo caso ainda não chegou a ir “cuidar” do pássaro, o que vai acontecer entre as linhas 29 e 35. Em ambos os casos, por conseguinte, a forma do presente não traduz a ação concomitante ao momento de quem fala. Em “Você *compreende*” existe um valor modal, o da possibilidade, a dominar o sintagma verbal, afastando-o de seu emprego temporal. Em “Vai, meu bem”, evidencia-se ao leitor o valor de imperativo, do pedido feito “com doçura”, em propósito de convencimento com forma sucedânea das anteriores “Seja bom, vá.” (L.15). A oposição das formas do texto põe em relevo a diferença da utilização delas, ficando para o coloquial presente do indicativo, no uso imperativo, a idéia da menor distância entre os interlocutores e, em consequência, da maior possibilidade de aceitação do pedido que se faz.

O processo de deslocamento do uso da forma do presente do indicativo envolve no texto, também, os diversos usos da expressão *é que*, na linha 2 dando suporte ao sujeito de um futuro do pretérito, na linha 10 a um circunstante de um futuro do presente perifrástico e na linha 43 ao sujeito de um imperfeito do indicativo. Foge então o verbo *ser* do seu valor de presente, para formar uma construção petrificada, desnecessária à estrutura básica da frase e que serve à língua apenas para dar ênfase ao elemento com que se relaciona. O mesmo emprego enfático ocorre com o verbo

ser da linha 53 (era), aqui porém flexionado no imperfeito, por conformidade com o sintagma verbal da frase (estava precisando). Já na linha 24 o desvio de emprego corresponde a um deslocamento de classe gramatical, porquanto a forma do presente “é” aí aparece com nítido valor de advérbio de afirmação.

Observando-se por conseguinte que a estrutura básica do verbo envolve, em termos temporais, a oposição passado-presente-futuro (no texto: ...*tirou* o canário para fora...-L.29; *Você é diferente*, L. 7; *Assim ele não sentirá* o horror da coisa — L.28) e considera, dentro do pretérito, as oposições temporal e aspectual a que já nos referimos, resta-nos ligeira citação das formas do subjuntivo, as quais não revelam, como bem explica G. Guillaume com o seu eixo da cronogênese (6), a precisão de noções temporais, servindo mais à expressão de valores modais. Como mostra de rendimento reduzido, no texto em análise o subjuntivo é representado autenticamente apenas pela forma do pretérito imperfeito *despertasse*, da linha 40,

já que *tragam*, da linha 27, e *seja*, da linha 15, apresentam nítido valor imperativo. E note-se, a respeito de *despertasse*, que a idéia de tempo que aí prevalece, dentro da oração final em que se encontra, configura o *despertar* mais como ação futura em relação a “recolher a gaiola”, tal como faria a forma prospectiva do infinitivo, que aliás aparece no período seguinte (...para sepultar o corpo — L.42). O mesmo se pode ver na frase “Espero que faça uma boa viagem”, em que o presente do subjuntivo representa uma ação prospectiva, tomando-se como ponto de referência o momento da fala (2, p. 991-2).

Em suma, a estrutura básica verbal portuguesa está quase toda contida no texto analisado, tornando-se evidente que não será preciso recorrer a textos muito longos para o ensino de seu domínio fundamental. Importante, porém, é que, por menor que seja o texto, sempre se leve em conta o papel da forma verbal no contexto em que se situa, como elemento lingüístico de maior força dentro da estrutura da frase.

ALMEIDA, J. de — The verb and the structure of the discourse. *Alfa*, São Paulo, 27: 23-27, 1983.

ABSTRACT: *This paper analyses the structure of the Portuguese verb, in Carlos Drummond de Andrade's narrative "Caso de Canário". We try to demonstrate the significance of the context for the specification of the different values implied by this grammatical category, given its wide range of relations in the text.*

KEY-WORDS: *Text analysis; verb relations; tense; aspect and mode; past tense structure.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, J. de — *Introdução ao estudo das perifrases verbais de infinitivo*. São Paulo, ILHPA, Hucitec, 1980.
2. CÂMARA Jr., J.M. — *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1970.
3. CASTILHO, A. T. de — *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília, FFCLM, 1968.
4. DUBOIS-CHARLIER, F. — *Bases de análise lingüística*. Trad. e adapt. João A. Peres. Coimbra, Livr. Almedina, 1977.
5. GENOUVRIER, E. & PEYTARD, J. — *Lingüística e ensino do português*. Trad. e adapt. R. Ilari. Coimbra, Livr. Almedina, 1974.
6. GUILLAUME, G. — La représentation du temps dans la langue française. *Le Français Moderne*, 19:29-41, 81-133, 1951.
7. KURY, A. da G. — *Lições de análise sintática*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, s.d.
8. LUFT, C. P. — *Moderna gramática brasileira*. 4. ed. Porto Alegre, Globo, 1981.
9. POTTIER, B. *et alii* — *Estruturas lingüísticas do português*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, s.d.